

[RESENHA]

FREITAS, Geigisane; SILVA, Patrícia. O que não te contaram sobre o movimento antirracista. – São Paulo: Faro Editorial, 2023, p.92.

Maria Iris Souza¹

No livro *O Que Não Te Contaram Sobre o Movimento Antirracista*, as autoras Patrícia Silva e Geisiane Freitas exploram a maneira como a esquerda brasileira incorpora a temática antirracista, utilizando conceitos como “Racismo Estrutural”, “Lugar de Fala” e “Apropriação Cultural” para sustentar sua narrativa. Juntas, traçam uma crítica ao conservadorismo brasileiro contemporâneo, que considera o racismo inexistente e trata o assunto como um processo vitimizatório. As escritoras buscam evidenciar que os conceitos aceitos na comunidade científica não correspondem aos dados ou às experiências vividas, tampouco têm benefícios concretos para a população. Consequentemente, discute como o termo "Racismo Estrutural" é amplamente aceito sem questionamentos nos círculos acadêmicos, sendo frequentemente utilizado por ativistas e intelectuais como o principal argumento em debates sobre discriminação racial.

Patrícia Silva é pós-doutoranda em Sociologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde investiga a evasão escolar entre meninos negros. Ela é pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre Diferenças, Desigualdades e Estratificação (LEDDE) e também se dedica a estudar relações raciais, feminismo e educação. Geisiane Freitas possui bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco

(UFRPE) e mestrado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Sua pesquisa foca nas relações raciais e de gênero.

As pesquisadoras recorrem ao texto *Racismo Estrutural* de Sílvio Almeida, advogado, professor e ex-ministro dos Direitos Humanos, para investigar a natureza desse conceito. Elas argumentam que a narrativa do racismo estrutural tem um caráter mais retórico do que científico, assemelhando-se a uma petição de princípio. Além disso, afirmam que uma teoria social deve proporcionar um entendimento que justifique ou explique os casos de racismo, o que só seria possível com uma definição clara do que se entende por estrutura. A obra cita teóricos como Achille Mbembe e Jessé Souza, que, assim como as pesquisadoras, acreditam no tom apelativo da expressão. Elas afirmam:

O adjetivo estrutural nos transmite o entendimento de que há um conjunto de instituições que são as verdadeiras responsáveis pelo racismo, o que tira a responsabilidade do âmbito individual. Ou seja, isenta a individualidade da responsabilidade quando um indivíduo comete um ato racista (Freitas; Silva, 2023, p. 33).

Assim, uma das consequências desse discurso seria criar uma cortina de fumaça. A culpabilização de estruturas indeterminadas leva ao esvaziamento do debate público, reduzindo a discussão a um simples "é culpa do racismo estrutural". Essa abordagem superficial impede uma análise aprofundada e a identificação de soluções específicas, desviando a atenção de ações concretas e necessárias para combater o racismo.

A obra da escritora Djamilia Ribeiro também é citada, abordando o conceito de "lugar de fala", interpretado pelas autoras como autoritário, pois ser parte de uma minoria não garante automaticamente esse direito. Além de pertencer a uma minoria, é necessário compartilhar da mesma opinião; caso contrário, pode-se considerar que o indivíduo não tem consciência de seu espaço e excluí-lo do debate público. O problema surge quando se sugere que, se pessoas negras não conhecem seu próprio espaço, somente um intelectual negro seria o único autorizado a propagar a narrativa verdadeira. Dessa forma, o lugar de fala não tem o objetivo de representar o sofrimento individual ou a experiência particular de indivíduos, "(...) mas sim uma espécie de experiência grupal, supostamente legitimada pela mesma posição subalterna ocupada na hierarquia das falas autorizadas" (Souza, 2021), afirma Jessé Souza. Além disso, a autora desenvolve uma engenhosa estratégia para justificar a autoridade que se concede ao falar sobre a experiência de terceiros.

Outrossim, é abordada a superficialidade do movimento antirracista contemporâneo, que utiliza o terror psicológico na *internet* para cancelar

pessoas com opiniões contrárias. De forma semelhante, instituições mais tradicionalistas foram criticadas pela sociedade por não compreenderem seus objetivos, ganhando respeito apenas ao conquistarem espaço. A autora Bell Hooks relata que a estratégia de silenciamento das opiniões contrárias passou a ser aceita, revelando uma preocupante diminuição do espaço para o debate livre e construtivo na sociedade contemporânea. Segundo a teórica:

Esse silenciamento velado de vozes e opiniões divergentes debilita a liberdade de expressão e amplia as forças da censura dentro e fora dos movimentos (Hooks, 1994, p. 21-24).

Dessa forma, a punição dos indivíduos divergentes dentro desse circuito pode acontecer por meio da exclusão de seus pensamentos ou textos em debates relevantes e até mesmo sua exclusão de conferências importantes. Além disso, o cancelamento dirigido ao intelectual negro com pensamento divergente é frequentemente acompanhado de um nível de fúria maior, tornando-o mais intenso do que o aplicado a quem é racista. O movimento negro comete vários erros, mas o mais grave é tratar as pessoas negras como simples ferramentas políticas, passíveis de cancelamento sempre que suas opiniões não se alinham aos interesses da liderança intelectual do movimento. Esse comportamento desconsidera a individualidade e a complexidade das experiências negras, reduzindo-as a meras representações de uma agenda coletiva. Dessa forma, o movimento não só marginaliza vozes dissidentes como também enfraquece a própria diversidade de pensamento que deveria defender.

Portanto, a obra é de extrema importância por oferecer uma perspectiva crítica e provocadora sobre temas centrais do debate racial contemporâneo no Brasil. As autoras, em poucas páginas, estimulam um diálogo mais profundo e reflexivo, desafiando a aceitação passiva de narrativas estabelecidas. Essa análise enriquece não só o campo acadêmico, mas também incentiva ativistas, intelectuais e a sociedade em geral a reconsiderarem suas abordagens e estratégias na luta contra o racismo. Ao questionar conceitos amplamente aceitos e explorar a superficialidade de algumas práticas antirracistas, a obra contribui significativamente para um entendimento mais matizado e eficaz das dinâmicas raciais. Promovendo a necessidade de ações concretas e debates mais substantivos, ela avança a busca por justiça e igualdade racial. Por último, parafraseando as autoras: O racismo não discrimina com base em credo ou ideologia. Cancelar indivíduos negros com pensamentos heterodoxos só beneficia uma entidade: o racista.